

A CULTURA NANBAN

Beatriz Shizuko Takenaga

Com a Reforma e a Contra-Reforma, a Igreja Romana ressurgiu com forte determinação mercantil. O que ilustra bem a sua nova disposição foi a fundação da Companhia de Jesus em 1540 por Inácio de Loyola (1491-1556) (1).

Era então a época do surgimento de impérios marítimos europeus. Inicialmente havia um semi-monopólio dos espanhóis e portugueses, unidos sob a mesma coroa (1580-1640). Com a derrota da armada espanhola e a morte de Felipe II, quebra-se o vínculo, desencadeando uma corrida expansionista com a presença da Holanda, Inglaterra e eventualmente da França.⁽²⁾

No Oriente, ocorria o que os japoneses rotularam de *Seiryôkutôzen*, “O avanço de forças ocidentais para o leste” Portugal, após ter estabelecido postos em Goa e na Costa de Malabar em 1510, decidiu estabelecer-se permanentemente em Macau (1557); a Espanha em 1564 enviou o conquistador Miguel Lopez de Legazpi para colonizar um grupo de ilhas que hoje são conhecidas como as Filipinas; os holandeses estabeleceram-se na Batavia, atual Djakarta; os ingleses limitaram-se a alguns postos na Costa de Coromandel⁽³⁾.

O Japão nessa época vivia o período conhecido como *Sengoku Jidai*, um período de total anarquia onde os *daimyô*, “senhores feudais”, procuravam obter a supremacia travando batalhas entre si para o controle total sobre a nação⁽⁴⁾.

Foi nesse período, em 1543, que os primeiros portugueses pisaram em solo japonês. O local era a Costa de Tanegashima, uma pequena ilha em Kyûshû, ao sul do Japão.

(1) Jean-Pierre Lehmann — *The roots of Modern Japan*. Londres, The Mac Millan Press Ltd., 1982. p. 32.

(2) J.P. Lehmann — *op. cit.* p. 33.

(3) Ídem, *ibidem*.

(4) J.P. Lehmann — *op. cit.* p. 34.

Nessa ocasião, os portugueses ofereceram vários presentes, entre os quais, uma espingarda pela qual o *daimyô* de Tanegashima demonstrou especial interesse. Ele, reconhecendo o valor da nova arma para seus propósitos, tratou logo de ordenar aos seus súditos que aprendessem a utilizá-la e que examinassem sua estrutura para que pudessem produzir cópias. O uso da espingarda espalhou-se rapidamente por todo o país, ajudando a acelerar a unificação da dividida nação, pois em 1575 a força de homens armados com espingarda teve um papel decisivo na batalha de Nagashino com a vitória de Oda Nobunaga⁽⁵⁾.

Seguindo-se a esse primeiro encontro entre portugueses e japoneses, em 1544 outro português, Fernão Mendes Pinto teria ido ao Japão. Mas é o ano de 1549 que marca o início da cristianização no Japão com a chegada de São Francisco Xavier (1506-1552) a Kagoshima também em Kyûshû. Com ele inicia-se o trabalho de conversão de fiéis à fé cristã e o processo de introdução da cultura européia. Essa cultura levada ao Japão entre meados do século XVI e a primeira metade do século XVII, recebeu o nome de *Nanban Bunka*, “Cultura Nanban”

Nanban significa literalmente “bárbaros do Sul” e originalmente tinha relação com o conceito chinês de que todos os estrangeiros eram bárbaros em comparação aos chineses⁽⁶⁾. *Nanbanjin*, no Período Muromachi (1338-1573), era um termo usado para designar indivíduos de várias regiões do sudeste asiático. Mais tarde o termo serviu para designar portugueses, espanhóis e italianos para distinguí-los dos holandeses e ingleses que vieram ao Japão meio século depois dos primeiros⁽⁷⁾.

O que se entende por *Nanban Bunka* ou *Kirishitan Bunka*⁽⁸⁾ não está relacionado apenas com as artes e ciências européias difundidas pelos jesuítas no Japão mas também com ítems referentes a hábitos e costumes europeus.

Antes de falarmos sobre que artes e que ciências os japoneses tiveram oportunidade de conhecer, vamos falar em primeiro lugar daquilo que se tornou o instrumento mais eficaz da Igreja, ou seja, a tipografia. No Japão o papel da tipografia foi sem dúvida decisivo para a propagação das idéias

(5) Mitsukuni Yoshida — *The Hybrid Culture — What happened when East and West met*. Hiroshima, Mazda, 1984. p. 14.

(6) Fernando G. Gutiérrez, S.J. A Survey of *Nanban Art*. In: Michael Cooper, S.J. (ed.) — *The Southern Barbarians-The first europeans in Japan*. Tóquio Kôdansha International Ltd., 1971. p. 149.

(7) Nihonshi Yôgo Daijiten Henshu Iinkai (ed.) *Nihonshi Yôgo Daijiten*, “Dicionário de termos da História do Japão”, v. 1. Tóquio, Nihonshi Yôgo Daijiten Henshu Iinkai, 1978. p. 520. Vide também Kiichi Matsuda. *Nanbanjin no Nihon Hakken*, “A descoberta do Japão pelos *Nanbanjin*”. Tóquio, Chuô Kôronsha, 1982. p. 199.

(8) *Kirishitan Bunka*, literalmente Cultura Cristã; *Kirishitan* vem evidentemente de cristão.

e de toda a Cultura *Nanban* em geral. Alguns autores a consideram uma arte e outros a incluem ao lado das ciências como astronomia, geografia, etc. Tanto a idéia de considerá-la como arte quanto de considerá-la como ciência são discutíveis, motivo pelo qual separámo-la dos dois grupos.

O Padre Alessandro Valignano (1539-1606) foi o responsável pela introdução da tipografia no Japão. Segundo Boxer, Valignano teria trazido uma máquina de imprimir em 1590 e provavelmente trouxe matrizes de metal para o silabário *katakana* e para os caracteres sino-japoneses mais comuns⁽⁹⁾. Já Hideomi Tuge fala em japoneses que foram enviados à Europa no século XVI e que voltaram trazendo uma máquina de imprimir. Tuge não diz que esses japoneses foram os introdutores da máquina nem menciona Valignano⁽¹⁰⁾.

Antes disso, o trabalho de circulação de material escrito era árduo. Em 1549, Francisco Xavier dedicou-se a compor tratados religiosos em japonês para circulação entre os possíveis noviços. Tais trabalhos, assim como um dicionário e uma gramática atribuídos ao Padre Duarte da Silva em 1564, devem ter circulado em forma de manuscritos⁽¹¹⁾.

De 1591 a 1614, houve uma notável produção de trabalhos religiosos e lingüísticos em latim e japonês, aos quais dá-se o nome de *Kirishitanhan* ou *Amakusahan*. Estes trabalhos podem ser divididos em 3 grupos principais: 1) obras cujos originais foram escritos em língua européia e que foram traduzidas para o japonês. Com exceção das Fábulas de Esopo (*Izopo Monogatari*), todas parecem ter sido obras de cunha religioso ou calendários; 2) obras adaptadas de originais japoneses como o *Heike Monogatari*, "Contos de Heike"; 3) trabalhos lingüísticos, gramáticas e dicionários.

Do primeiro grupo, podemos destacar:

— *Sanctos no Gosagyō* — obra impressa em Kazusa em 1591, adaptada de *Flos Sanctorum*;

— *Contemptus Mundi* — é o título sob o qual foi publicada a obra *Imitatio Christi* de Thomas à Kempis em 1596, em Amakusa;

— *Fides no doxi* — tradução da obra *El Sumario de la Introducción del Símbolo de la Fé*, do Frei Luís de Granada;

(9) Charles R. Boxer. *The Christian Century in Japan, 1549-1650*. Berkeley, University of California Press, 1974. pp. 190-191.

(10) Hideomi Tuge (ed.). *Historical Development of Science and Technology in Japan*. Tóquio, Kokusai Bunka Shinkokai, 1961. p. 40..

(11) C.R. Boxer — *op. cit.* pp. 189-190.

— *Guia do Pecador* — também do Frei Luís de Granada, impressa em 2 volumes em Nagasaki entre os anos de 1599 e 1600.⁽¹²⁾

Neste grupo inclui-se também *Esopu no Fabulas*, impressa em Amakusa em 1593, sendo o único trabalho literário não religioso traduzido ou adaptado pelos jesuítas para o japonês. Foram também impressos em latim os Discursos de Cícero mas não se tem notícias de cópias da obra.⁽¹³⁾

A escolha de livros para adaptação e tradução, era feita de maneira criteriosa. Livros heréticos e pagãos não deveriam ser introduzidos a não ser que fossem previamente “censurados e purificados”.⁽¹⁴⁾

Dentro do segundo grupo estão obras como *Heike Monogatari*, “Contos de Heike”, publicada em 1592, *Kinkushû*, “Coleção de Provérbios”, publicada em 1593, *Wakan-Roeshû*, “Coleção de Poesia Nipo-Chinesa” de 1600 e *Taiheiki*, “Crônica da Grande Pacificação”, cujo ano de publicação é desconhecido. Os dois primeiros foram publicados em Amakusa e os dois últimos em Nagasaki.⁽¹⁵⁾

Na tradução para o português, alguns clássicos japoneses sofriam adaptações como foi o caso de *Heike Monogatari*, que foi resumido e simplificado em benefício dos jesuítas que estavam estudando a língua. Além disso eram escritos em *rômaji*, ou seja, caracteres latinos. Esse aspecto é importante porque era a primeira vez que se fazia a transliteração da língua japonesa para a escrita latina. Atualmente o método de romanização do japonês mais utilizado é o Hepburn. É evidente que este é diferente do método utilizado pelos portugueses, pois o Hepburn é um método baseado em regras ortográficas da língua inglesa.

Passando para o terceiro grupo, podemos mencionar como uma das primeiras obras impressas, *De Institutione Grammatica*, cuja versão japonesa foi impressa em Amakusa em 1594, destinada ao uso de estudantes japoneses de latim. Em 1595 foi impresso o *Dictionarum Latino Lusitanicum ac Iaponicum*, baseado no dicionário de latim de Ambrógio Calepio. Entre 1598 e 1599, foi publicado o *Racuyoxu*, um dicionário de caracteres chineses com leituras sino-japonesas para facilitar a leitura de principiantes.⁽¹⁶⁾

(12) Idem, ibidem. pp. 191-192.

(13) Idem, ibidem. pp. 192-193.

(14) Boxer fala em um trecho da carta de Valignano para Theotonio de Braganza, Arcebispo de Évora, escrita em 1587, onde ele usa explicitamente esses termos (vide Boxer — *op. cit.* p. 190).

(15) Kiichi Matsuda. *Nanbanjin no Nihon Hakken*, “A descoberta do Japão pelos Bárbaros do Sul”. Tóquio Chuô Kôronsha, 1982. p. 227.

(16) C.R. Boxer. *op. cit.* pp. 194-195.

Nesse grupo, destacam-se de maneira especial, *Vocabulario da Lingoa de Japam com a declaração em Portugues*, *Arte da Lingoa de Iapam* e *Arte Breve da Lingoa Japoa*. A primeira obra, publicada em 1603 é um dicionário japonês-português, contendo 30.000 palavras, considerado uma obra-prima no gênero. Nele há termos técnicos do Budismo, da literatura japonesa e copiosos exemplos de expressões coloquiais. Um dos responsáveis pelo trabalho foi o padre-intérprete João Rodrigues (1561-1634), que foi o autor das duas últimas obras citadas acima. A *Arte da Lingoa de Iapam*, impressa em Nagasaki entre 1604 e 1608, trata sobre aspectos da pronúncia, sintaxe e poesia japonesas. Esta obra foi o ponto de partida para o estudo científico da língua japonesa mas pecava por uma certa prolixidade. O próprio autor reconhecendo isso, organizou uma edição mais concisa e clara, a *Arte Breve*, impressa em Macau em 1620.⁽¹⁷⁾

A propósito de Rodrigues não podemos deixar de citar a sua obra, *História da Igreja do Japão*, que ao lado da *História do Japão* de Luis Fróis (1532-1597) e do *Sumário de las Cosas de Japón* (1583) de Alessandro Valignano (1539-1606), são documentos valiosos para o estudo sócio-cultural do Japão daquela época.⁽¹⁸⁾

A introdução da ciência ocidental

A história da ciência japonesa pode ser dividida em 4 períodos, segundo Hideomi Tuge: o primeiro período cobre aproximadamente 1500 anos, do começo da Era Cristã até meados do século XVI, no qual desenvolveu-se uma ciência influenciada principalmente pela cultura chinesa; o segundo período vai entre meados do século XVI até o início do século XVIII, o qual corresponde ao período em que houve o primeiro contato com a cultura ocidental através dos espanhóis e portugueses; no terceiro período foi permitida a importação de livros estrangeiros, exceto os que se referiam ao cristianismo, dando oportunidade ao crescimento do *Rangaku*, “Estudos Holandeses” entre o povo japonês; o quarto período abrange desde a Restauração Meiji em 1868 até a II Guerra Mundial.⁽¹⁹⁾

No período que nos interessa, que é o segundo, as ciências introduzidas de maior repercussão foram:

Astronomia

A teoria geocêntrica de Ptolomeu, reconhecida pela Igreja, é a que foi introduzida pelos missionários cristãos. A teoria heliocêntrica de Copérnico

(17) C.R. Boxer. *op cit.* pp. 195-196.

(18) Estas não estão incluídas no conjunto de obras do *Kirishitanhan*.

(19) H. Tuge (ed.). *op. cit.* pp. 2-3.

só foi introduzida no Japão em fins do século XVIII, embora a obra *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, de Copérnico já tivesse sido publicada em 1542.⁽²⁰⁾

No início do século XVII, Ikeda Kôun, aprendeu astronomia associada à arte de navegação de um português e escreveu *Genna Kokaisho*, “Livro Náutico da Era de Genna” (1618), um livro sobre navegação.⁽²¹⁾

Em 1650 foi publicado *Kenkon Bensetsu*, “Acerca do Universo”, tradução de um livro de astronomia português, originalmente traduzido por Sawano Chûan (nome japonês de Cristóvão Ferreira, jesuíta português) e reescrito por Mukai Gensho, um astrônomo japonês.⁽²²⁾

Ciências Náuticas

O livro de Ikeda Kôun sobre navegação serviu como base para as gerações seguintes como por exemplo para Shimaya Ichizaemon Sadashigue, autor de *Anjin no hô*, “Princípios de Navegação” (1670).⁽²³⁾

Além das técnicas de navegação, os japoneses interessaram-se pela técnica de construção de navios. Em 1578, Oda Nobunaga “construiu um barco couraçado de ferro sob a direção de técnicos portugueses”.⁽²⁴⁾

Geografia

O conhecimento geográfico dos japoneses era bem limitado. O mundo para eles consistia apenas no Japão, Índia e China.

Alessandro Valignano trouxe um mapa-múndi em 1580⁽²⁵⁾ e uma embaixada enviada ao papa pelos *daimyô* de Kyûshû em 1582, trouxe entre outros objetos, um exemplar do atlas mundial de Abraão Ortelius, composto de 53 mapas.⁽²⁶⁾ Mais tarde foi publicado um mapa-múndi baseado no mapa feito por Matteo Ricci. Aqui há uma divergência entre Tuge e Janeira quanto a datas, pois o primeiro diz que foi em 1660 aproximadamente que houve a introdução do mapa feito por Matteo Ricci e o segundo diz que em 1645 houve a publicação de um mapa baseado no mapa do mesmo Ricci.⁽²⁷⁾

(20) Idem, *ibidem*. p. 28.

(21) Idem, *ibidem*.

(22) Idem, *ibidem*. p. 30. Vide também Armando Martins Janeira. *O impacto português sobre a civilização japonesa*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1970. p. 231.

(23) A.M. Janeira. *op. cit.* p. 25.

(24) Idem, *ibidem*. p. 26.

(25) H. Tuge (ed.). *op. cit.* p. 38.

(26) A.M. Janeira. *op. cit.* p. 227.

(27) H. Tuge (ed.). *op. cit.* pp. 38-39; A.M. Janeira. *op. cit.* p. 229.

No Japão foi em 1630 que se fez pela primeira vez um mapa-múndi, o qual é atribuído a Fukada Seishitsu. Depois da política de isolamento nacional, o governo Edo ainda mostrou-se interessado em importar mapas-múndi.⁽²⁸⁾

Medicina

A medicina européia foi introduzida em 1556 por Luís de Almeida, mercador de Lisboa licenciado para exercer a medicina. Almeida chegou a fundar um hospital no estilo ocidental onde preparava seus assistentes japoneses.⁽²⁹⁾

Cristóvão Ferreira também praticou a medicina e escreveu um livro, *Nanbanryu Geka Hidensho*, “A Tradição secreta da Cirurgia Nanban”.⁽³⁰⁾

Mesmo depois da política isolacionista, a medicina portuguesa teve continuidade, graças aos discípulos dos jesuítas e franciscanos “que transmitiram os conhecimentos daquela aos praticantes da medicina holandesa.”⁽³¹⁾

A Arte Nanban

De todas as formas de arte *Nanban*, o *Nanban-ga*, pintura japonesa relacionada com a arte ocidental, ocupa a posição mais importante. Em geral, a Arte *Nanban* refere-se a trabalhos produzidos no Japão sob a influência européia durante o século cristão, mas por extensão o termo é também empregado para designar obras européias que foram importadas naquele período.

A pintura *Nanban* pode ser dividida em duas categorias: trabalhos introduzidos pelos missionários ou executados sob sua direção e como tais resultavam usualmente em temas religiosos; e trabalhos de artistas japoneses que empregaram técnicas tradicionais para pintar sobre temas seculares como costumes europeus, batalhas entre europeus e mouros e vistas de cidades famosas como Lisboa, Roma e Sevilha.⁽³²⁾

Os trabalhos, cujos temas eram religiosos, eram inicialmente reproduzidos pelos artistas japoneses. Mas com o passar do tempo eles começaram a ficar insatisfeitos com o fato de apenas copiar e procuravam criar obras combinando o estilo ocidental com a inspiração oriental. Tais trabalhos eram

(28) H. Tuge (ed.). *op. cit.* pp. 38-39.

(29) Idem, *ibidem.* pp. 33-34; vide também A.M. Janeira. *op. cit.* pp. 222-223.

(30) A.M. Janeira. *op. cit.* p. 224.

(31) Idem, *ibidem.*

(32) F.G. Gutiérrez. *op. cit.* p. 149.

baseados em pinturas da escola italiana, espanhola e flamenga, como a *Virgem e o Menino e a Dolorosa*.⁽³³⁾

Um dos trabalhos mais conhecidos nesta categoria, é o retrato de São Francisco Xavier, atribuído a um artista japonês que deve tê-lo pintado em Macau em 1623 aproximadamente. Ele é tipicamente japonês quanto ao material e estilo, sendo ocidental apenas no tema.⁽³⁴⁾

Através das pinturas pertencentes à segunda categoria, ou seja, as pinturas de temas seculares, podemos notar que detalhes da vida européia chamaram a atenção dos japoneses. Europeus lendo ou tocando instrumentos musicais eram dois dos temas mais freqüentes.

Num grupo à parte estão os *Nanban Byôu*, "Biombos Nanban". Pelo que se sabe restam cerca de 60 obras e algumas encontram-se fora do Japão. As melhores foram produzidas por artistas da Escola Kanô na segunda metade do Período Momoyama. Não se pode determinar com precisão o período em que eles foram produzidos mas evidências apontam para o período compreendido entre 1590 e 1630. O tema favorito era a chegada dos portugueses ao Japão em seus navios, que ficaram conhecidos como *kurofune* "navio negro" ou *Nanban bune*, "navios Nanban".⁽³⁵⁾

A utilização de gravuras para fins educativos, levou à necessidade urgente de encontrar um meio prático barato e rápido de produzir cópias. Essa necessidade levou ao desenvolvimento da técnica de gravura em metal, que aliás era também ensinada nos seminários.⁽³⁶⁾

Dentro da Arte *Nanban* e fora da arte pictórica propriamente dita, temos objetos decorativos laqueados e peças de cerâmica. Objetos laqueados têm uma longa tradição no Oriente e naquela época, tais objetos decorados com motivos em estilo *Nanban* eram produzidos não apenas para propósitos religiosos mas também porque havia uma considerável procura visto que a decoração *Nanban* estava particularmente na moda.⁽³⁷⁾

As peças de cerâmica apresentavam símbolos cristãos, destacando-se entre elas, os utensílios utilizados na cerimônia do chá. Valignano colocou ênfase na necessidade dos missionários apreciarem esta arte e ordenou que todos os jesuítas que ocupassem posições hierarquicamente superiores tivessem em suas casas, um salão inteiramente equipado onde a cerimônia do chá pudesse ser realizada com a devida correção.⁽³⁸⁾

(33) Idem, ibidem. pp. 150-152.

(34) Idem, ibidem. pp. 169-170/pp. 171-175.

(35) Idem, ibidem. pp. 175-176.

(36) Idem, ibidem. p. 203.

(37) Idem, ibidem. p. 204.

(38) Idem, ibidem. p. 205.

Sobre a cerimônia do chá e as práticas cristãs, parecem haver evidências de um outro tipo de ligação. Os criptocristãos de Kyoto, por exemplo, chamavam *chabi*, “dia do chá”, à oração de domingo; um boneco tradicional de Hakata, produzido até hoje, representa um mestre de chá ostentando em sua vestimenta um emblema da Companhia de Jesus ligeiramente modificado; um dos doces tradicionais de Arima é uma espécie de biscoito, o *senbei*, que pela sua forma lembra a hóstia sagrada.⁽³⁹⁾

A música européia, religiosa e profana, foi também introduzida. Nas escolas dos jesuítas eram ensinados hinos e canções religiosas. A música profana foi provavelmente introduzida através das bandas ou orquestras formadas por marinheiros portugueses.⁽⁴⁰⁾

A influência portuguesa é visível também na arquitetura dos castelos feudais. A arquitetura militar foi diretamente aprendida com os portugueses. Os castelos eram fortificados para resistirem aos canhões que eram largamente usados. Como exemplo, podemos citar o Castelo de Osaka, construído por Hideyoshi, de 1583 a 1590.⁽⁴¹⁾

A presença européia é notada também no sistema urbanístico de Nagasaki, que era o centro cristão no Japão e um importante ponto para o comércio com Macau. Nagasaki não passava de uma vila de pescadores antes da chegada dos portugueses que a ampliaram com base no sistema grego de Acropolis e no sistema das cidades medievais. Por isso Nagasaki difere muito das cidades japonesas que foram construídas segundo princípios urbanísticos chineses.⁽⁴²⁾

Graças ao hábito dos portugueses presentearem os senhores feudais, os japoneses tiveram oportunidade de conhecer muitos objetos ligados aos hábitos europeus como relógios, óculos, vidro, vinhos, alimentos etc.

Em uma carta escrita pelo jesuíta Francisco Pasio em 1594, ele diz ter notado que Hideyoshi e seus vassallos usavam com freqüência vestimentas portuguesas e o rosário.⁽⁴³⁾ Outros, mesmo não sendo cristãos, aprendiam orações e recitavam-nas enquanto andavam apenas porque era considerado elegante.⁽⁴⁴⁾

O vício de fumar também começou a fazer parte dos hábitos japoneses. O tabaco foi trazido pelos tripulantes de um navio português no final do século XVI. Foi cultivado em regiões como Nagasaki, Satsuma e Hirado.

(39) A.M. Janeira. *op. cit.* p. 259.

(40) Idem, *ibidem.* p. 244.

(41) Idem, *ibidem.* pp. 246-247.

(42) Idem, *ibidem.* pp. 247-250.

(43) F.G. Gutiérrez. *op. cit.* p. 203.

(44) A.M. Janeira. *op. cit.* p. 210.

Houve proibições ao fumo, as quais não tiveram efeito e no início do século XVIII, em todo o país havia localidades especializadas no cultivo do tabaco. A palavra tabaco, aliás, permanece até hoje como sinônimo de cigarro. Outras palavras utilizadas na língua portuguesa e que ainda hoje são usadas pelos japoneses são *pan*, “pão”, *kasutera*, “Castela”, *konpeitô*, “confeito” e *kappa*, “capa”. As 3 primeiras palavras referem-se a alimentos e o termo *kasutera* entrou no Japão como designação de um bolo que era feito em Castela. A contribuição do português na língua japonesa não foi pequena mas a maior parte das palavras hoje, fazem parte de um vocabulário morto. Houve contribuição do japonês na língua portuguesa mas as palavras que fazem parte do vocabulário ativo são em número muito reduzido.⁽⁴⁵⁾

Apesar da censura jesuíta e talvez graças à ela, a Cultura *Nanban* foi notável em termos qualitativos como pudemos observar pelo nível dos trabalhos produzidos pelos jesuítas e pelos japoneses cristãos.

Do ponto de vista da história da ciência, a contribuição européia significou o fim de um período em que as idéias antigas baseavam-se em adivinhações e superstições. Apesar da política de isolamento nacional, a influência portuguesa foi duradoura já que os japoneses passaram a ter uma atitude de observação mais objetiva em relação aos fenômenos da natureza graças ao conhecimento obtido através dos missionários.⁽⁴⁶⁾ Em contato com as artes e ciências ocidentais, os japoneses revelaram-se bons aprendizes. Aliás, os japoneses sempre se mostraram curiosos em relação à cultura estrangeira desde a época em que recebiam a influência chinesa. Houve sempre uma preocupação constante em enviar estudantes aos países estrangeiros para que aprendessem as técnicas, artes e ciências desses povos.

Se por um lado, os japoneses mostram-se abertos ao que é novo e estrangeiro, ao mesmo tempo resistem até certo ponto às novidades por serem muito apegados às tradições do passado. Isso traz certa vantagem, porque ao contrário do Brasil, a memória histórica é preservada com muita seriedade.

BIBLIOGRAFIA

BOXER, Charles R. *The Christian Century in Japan, 1549-1650*. Berkeley, University of California Press, 1974.

COOPER, Michael, S.J. (ed.). *The Southern Barbarians-the first europeans in Japan*. Tóquio, Kôdansha International Ltd., 1971.

(45) Vide lista de palavras japonesas que passaram para a língua portuguesa e lista de palavras portuguesas introduzidas no vocabulário japonês (A.M. Janeira. *op. cit.* pp. 327-340).

(46) H. Tuge (ed.). *op. cit.* pp. 50-52.

- JANEIRA, Armando Martins. *O impacte português sobre a civilização japonesa*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1970.
- LEHMANN, Jean-Pierre. *The roots of Modern Japan*. Londres. The MacMillan Press Ltd., 1982.
- MATSUDA, Kiichi. *Nanbanjin no Nihon Hakken*, "A descoberta do Japão pelos Bárbaros do Sul". Tóquio, Chuô Kôronsha, 1982.
- NIHINSHI YÔGO DAIJITEN HENSHU IINKAI (ed.). *Nihonshi Yôgo Daijiten*, "Dicionário de termos da História do Japão", v. 1. Tóquio, Nihonshi Yôgo Daijiten Henshu Iinkai, 1978.
- TUGE, Hideomi (ed.). *Historical Development of Science and Technology in Japan*. Tóquio, Kokusai Bunka Shinkokai, 1961.
- YOSHIDA, Mitsukuni. *The Hybrid Culture-What happened when East and West met*. Hiroshima, Mazda, 1984.